

O Céu e o inferno



Allan Kardec

PARTE I – Doutrina
CAPÍTULO IX – Os demônios

Índice

Assunto	Origem	Pagina
1. Origem na crença nos demônios	O Céu e o inferno	03
Como nasce o diabo	O Consolador	05
2. Os demônios segundo a igreja	O Céu e o inferno	08
Cristianismo e Espiritismo	O Consolador	14
3. Os demônios segundo o Espiritismo	O Céu e o inferno	16
O Céu e o inferno	O Consolador	18

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo IX)

Parte I – Doutrina

Capítulo IX – Os demônios

I – Origem da crença nos demônios

1. Em todos os tempos os demônios representaram papel saliente nas diversas teogonias, e, posto que consideravelmente decaídos no conceito geral, a importância que se lhes atribui, ainda hoje, dá à questão uma tal ou qual gravidade, por tocar o fundo mesmo das crenças religiosas. Eis por que útil se torna examiná-la, com os desenvolvimentos que comporta. A crença num poder superior é instintiva no homem. Encontramo-la, sob diferentes formas, em todas as idades do mundo. Mas, se hoje, dado o grau de cultura atingido, ainda se discute sobre a natureza e atributos desse poder, calcule-se que noções teria o homem a respeito, na infância da Humanidade.

2. Como prova da sua inocência, o quadro dos homens primitivos extasiados ante a Natureza e admirando nela a bondade do Criador é, sem dúvida, muito poético, mas pouco real. De fato, quanto mais se aproxima do primitivo estado, mais o homem se escraviza ao instinto, como se verifica ainda hoje nos povos bárbaros e selvagens contemporâneos; o que mais o preocupa, ou, antes, o que exclusivamente o preocupa é a satisfação das necessidades materiais, mesmo porque não tem outras. O único sentido que pode torná-lo acessível aos gozos puramente morais não se desenvolve senão gradual e morosamente; a alma tem também a sua infância, a sua adolescência e virilidade como o corpo humano; mas para compreender o abstrato, quantas evoluções não tem ela de experimentar na Humanidade! Por quantas existências não deve ela passar! Sem nos remontarmos aos tempos primitivos, olhemos em torno a gente do campo e perscrutemos os sentimentos de admiração que nela despertam o esplendor do Sol nascente, do firmamento a estrelada abóbada, o trino dos pássaros, o murmúrio das ondas claras, o vergel florido dos prados. Para essa gente o Sol nasce por hábito, e uma vez que desprende o necessário calor para sazonar as searas, não tanto que as creste, está realizado tudo o que ela almejava; olha o céu para saber se bom ou mau tempo sobrevirá; que cantem ou não as aves, tanto se lhe dá, desde que não desbastem da seara os grãos; prefere às melodias do rouxinol, o cacarejar da galinhada e o grunhido dos porcos; o que deseja dos regatos cristalinos, ou lodosos, é que não sequem nem inundem; dos prados, que produzam boa erva, com ou sem flores. Eis aí tudo o que essa gente almeja, ou, o que é mais, tudo o que da Natureza apreende, conquanto muito distanciada já dos primitivos homens.

3. Se nos remontarmos a estes últimos, então, surpreendê-los-emos mais exclusivamente preocupados com a satisfação de necessidades materiais, resumindo o bem e o mal neste mundo somente no que concerne à satisfação ou prejuízo dessas necessidades. Acreditando num poder extra-humano e porque o prejuízo material é sempre o que mais de perto lhes importa, atribuem-no a esse poder, do qual fazem, aliás, uma idéia muito vaga. E por nada conceberem fora do mundo visível e tangível, tal poder se lhes afigura identificado nos seres e coisas que os prejudicam. Os animais nocivos não passam para eles de representantes naturais e diretos desse poder. Pela mesma razão, vêem nas coisas úteis a personificação do bem: daí, o culto votado a certas plantas e mesmo a objetos inanimados. Mas o homem é comumente mais sensível ao mal que ao bem; este lhe parece natural, ao passo que aquele mais o afeta. Nem por outra razão se explica, nos cultos primitivos, as cerimônias sempre mais numerosas em honra ao poder maléfico: o temor suplanta o reconhecimento. Durante muito tempo o homem não compreendeu senão o bem e o mal físicos; os sentimentos morais só mais tarde marcaram o progresso da inteligência humana, fazendo-lhe entrever na espiritualidade um poder extra-humano fora do mundo visível e das coisas materiais. Esta obra foi, seguramente, realizada por inteligências de escol, mas que não puderam exceder certos limites.

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo IX)

4. Provada e patente a luta entre o bem e o mal, triunfante este muitas vezes sobre aquele, e não se podendo racionalmente admitir que o mal derivasse de um benéfico poder, concluiu-se pela existência de dois poderes rivais no governo do mundo. Daí nasceu a doutrina dos dois princípios, aliás lógica numa época em que o homem se encontrava incapaz de, raciocinando, penetrar a essência do Ser Supremo. Como compreenderia, então, que o mal não passa de estado transitório do qual pode emanar o bem, conduzindo-o à felicidade pelo sofrimento e auxiliando-lhe o progresso? Os limites do seu horizonte moral, nada lhe permitindo ver para além do seu presente, no passado como no futuro, também não lhe permitia compreender que já houvesse progredido, que progrediria ainda individualmente, e muito menos que as vicissitudes da vida resultavam das imperfeições do ser espiritual nele residente, o qual preexiste e sobrevive ao corpo, na dependência de uma série de existências purificadoras até atingir a perfeição. Para compreender como do mal pode resultar o bem, é preciso considerar não uma, porém, muitas existências; é necessário apreender o conjunto do qual — e só do qual — resultam nítidas as causas e respectivos efeitos.

5. O duplo princípio do bem e do mal foi, durante muitos séculos, e sob vários nomes, a base de todas as crenças religiosas. Vemo-lo assim sintetizado em Oromase e Arimane entre os persas, em Jeová e Satã entre os hebreus. Todavia, como todo soberano deve ter ministros, as religiões geralmente admitiram potências secundárias, ou bons e maus gênios. Os pagãos fizeram deles individualidades com a denominação genérica de deuses e deram-lhes atribuições especiais para o bem e para o mal, para os vícios e para as virtudes. Os cristãos e os muçulmanos herdaram dos hebreus os anjos e os demônios.

6. A doutrina dos demônios tem, por conseguinte, origem na antiga crença dos dois princípios. Compete-nos examiná-la aqui tão-somente no ponto de vista cristão para ver se está de acordo com as noções mais exatas que possuímos hoje, dos atributos da Divindade. Esses atributos são o ponto de partida, a base de todas as doutrinas religiosas; os dogmas, o culto, as cerimônias, os usos e a moral, tudo é relativo à idéia mais ou menos justa, mais ou menos elevada que se forma de Deus, desde o fetichismo até o Cristianismo. Se a essência de Deus continua a ser um mistério para as nossas inteligências, compreendemo-la no entanto melhor que nunca, mercê dos ensinamentos do Cristo. O Cristianismo racionalmente ensina-nos que: Deus é único, eterno, imutável, imaterial, onipotente, soberanamente justo e bom, infinito em todas as perfeições. Foi por isso que algures dissemos — (1ª Parte, cap. VI, “Doutrina das penas eternas”): “Se se tirasse a menor parcela de um só dos seus atributos, não haveria mais Deus, por isso que poderia coexistir um ser mais perfeito.” Estes atributos, na sua plenitude absoluta, são, pois, o critério de todas as religiões, estalão da verdade de cada um dos princípios que ensinam. E para que qualquer desses princípios seja verdadeiro, preciso é que não encerre um atentado às divinas perfeições. Vejamos se assim é, de fato, na doutrina vulgar dos demônios.

Especial

123 – 06/09/2009

O Consolador – (Rogério Coelho)

I. Origem na crença nos demônios

Como nasceu o diabo

Lenda viva e verdadeiro anti-herói, o demo se conserva até hoje no imaginário cristão

Acreditar que Deus haja criado um ser eternamente votado ao mal, sabotador contumaz de Sua obra, é atitude ingênua que tange as raias da mais sórdida blasfêmia.” (François C. Liran.)

Inúmeras denominações pelas quais se notabilizou o diabo, foram por imprevidentes autoridades da Igreja, espalhadas nos círculos católicos para nomear os titulares antípodas do Bem, dando-lhes (pasmem!) “status” de rivais de Deus.

Ser temível engendrado por mentes adoecidas e encharcadas pelos interesses subalternos, lenda viva e verdadeiro anti-herói, cuja figura se conserva até hoje no imaginário cristão, tal criatura malfazeja tem sido excelente auxiliar das religiões medievais e contemporâneas que necessitam desse tipo de terrorismo para que sejam aquietadas suas ingênuas ovelhas nos estreitos e áridos apriscos dogmáticos.

Tal terrorismo adquire contornos dramáticos quando, extrapolando as fronteiras do mundo físico, invade o Mundo Espiritual, no qual, através de ideoplastias, as criaturas desencarnadas portadoras de clichês mentais criados e nutridos por elas mesmas, acabam ficando frente a frente com essa demoníaca entidade, que na verdade é a fantasia de algum Espírito mau que dessa forma se mostra para aterrorizar sua indefesa e crédula vítima (1)

As mesmas instruções eclesiásticas que mandaram queimar livros espíritas na fogueira aprovaram (coerentemente) o livro de autoria de Collin de Plancy que traz a descrição minuciosa de diversos demônios.

Silas¹ explica que as ideias macabras da magia aviltante, quais sejam as da bruxaria e do demonismo que as igrejas denominadas cristãs propagam, a pretexto de combatê-los, mantendo credices e superstições, ao preço de conjurações e exorcismos, geram os clichês mentais demoníacos nos desencarnados de cérebros fracos e desprevenidos que acoroçoam tais absurdos, estabelecendo epidemias de pavor alucinatório.

Por outro lado, as inteligências desencarnadas, entregues à perversão, valem-se desses quadros mal contornados que a literatura fetichista ou a pregação invigilante distribuem na Terra, a mancheia, e imprimem-lhes temporária vitalidade, assim como um artista do lápis se aproveita dos debuxos de uma criança, tomando-os por base nos desenhos seguros com que passa a impressionar o ânimo infantil.

Quanto mais próxima uma criatura está de Deus, maior a sua inteligência e sua liberdade de escolha

Torna-se, portanto, evidente e fácil de “reconhecer que cada coração edifica o inferno em que se aprisiona, de acordo com as próprias obras. Destarte, temos conosco os diabos que desejamos, segundo o figurino escolhido ou modelado por nós mesmos”, conclui Silas.

Ora, se Deus é a Infinita Bondade, (e disso não podemos duvidar), como a partir d’Ele, o Sumo Bem, poderia ter surgido um Ser que Lhe fosse a antítese? Tal a polêmica surgida no seio da Igreja Católica na baixa Idade Média. Mas, Santo Agostinho (hoje redimido pelo conhecimento espírita) deu, àquele tempo, uma solução que satisfizes às “lúcidas” cabeças medievais: Livre-arbítrio.

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo IX)

Segundo esse Pai da Igreja, quanto mais próxima uma criatura está de Deus, maior a sua inteligência e sua liberdade de escolha. E no uso de tal liberdade até mesmo os Avatares da mais alta hierarquia, criações mais perfeitas do Todo-Poderoso, podem escolher livremente entre o certo e o errado. Assim, o diabo, outro não é senão o Anjo de Luz (Lúcifer) que fez a escolha errada (!?), levando com ele toda uma coorte de áulicos e turiferários.

Tal teoria agostiniana não prevalece nos dias de hoje quando o Espiritismo vem nos explicar que o Espírito não retrógrada (2)

A imaginação de Santo Agostinho (bem entendido: o Santo Agostinho encarnado na Idade Média, ainda não iluminado pelas claridades do Espiritismo) vai mais longe: Com seu conceito filosófico de LUZ (do “Fiat Lux” bíblico), localiza nas claridades do dia o momento inicial da atuação divina. Por contraste, a noite e sua escuridão passam a incorporar as horas demoníacas, o período temporal de maior vigor do mal, originando aí a expressão “Espírito das Trevas”.

Essa diabólica figura mitológica, conservada no sal insosso dos dogmas gerados no útero estéril da Igreja, experimentou o auge da sua fama e glória com São Tomás de Aquino que a colocou em um pedestal de importância tão marcante que a sua presença na religião acaba rivalizando e, não raro, superando a presença de Deus, criando, então um clima de terror.

Em uma pregação de menos de vinte minutos, determinados líderes (cegos guiando cegos) religiosos mencionam a palavra “diabo” não poucas dezenas de vezes, ficando bastante esmaecidas ou totalmente nulas as cogitações sobre Deus e/ou de Jesus.

A palavra demônio, originária da Grécia clássica, não possuía a conotação atual de gênio das trevas.

Faz-se mister voltar séculos no tempo para podermos assistir ao nascimento do diabo, porque já ao tempo de Jesus, segundo apontamento feito por Marcos, o Meigo Rabi foi acoimado de parceria com ele quando Seus inimigos disseram:(3) Pelo príncipe dos demônios expulsa os demônios”.

O diabo é o anti-herói criado com a finalidade de amedrontar o povo ignaro para tê-lo submisso aos dogmas absurdos e manter o “status” da casta sacerdotal com seu parasitismo ancestral.

A palavra demônio, de “daïmon”, originária da Grécia clássica, não possuía a conotação atual de gênio das trevas. Lembra-nos o Mestre Lionês (4) que este verbete não era tomado à má parte na antiguidade tal como o temos conhecido nos tempos contemporâneos, uma vez que não designava exclusivamente seres malfazejos, mas todos os Espíritos em geral, dentre os quais se destacavam os Espíritos Superiores chamados deuses, e os menos elevados, ou demônios propriamente ditos, que se comunicavam diretamente com os homens.

Sócrates dizia ser íntimo de um “daïmon” de quem aprendia altos conceitos filosóficos, e afirmava que após a morte o daïmon (entenda-se Espírito protetor) que nos fora designado durante a vida leva-nos a um lugar onde se reúnem todos os que têm de ser conduzidos ao Hades, para serem julgados.

O Mestre Lionês teve o zelo de estudar este tema à exaustão nos capítulos IX e X, 1ª parte, do livro básico: “O Céu e o Inferno”, onde com sua habitual, contundente e insofismável lógica, conclui que a crença na existência de tal Ser resultaria no seguinte trágico e inadmissível corolário: Deus enganou-Se, logo, só podemos com a Igreja, absurdamente concluir: Deus não é infalível (!?).

Com o escopro de seu raciocínio lúcido, Allan Kardec leva-nos à raiz do berçário do diabo ao levantar a velha questão do Bem e do Mal. Diz ele (5): “Provada e patente a luta entre o bem e o mal, triunfante este muitas vezes sobre aquele, e não se podendo racionalmente admitir que o mal derivasse de um benéfico poder, concluiu-se pela existência de dois poderes rivais no governo do mundo. Daí nasceu a doutrina dos dois princípios, aliás lógica numa época em que o homem se encontrava incapaz de, raciocinando, penetrar a essência do Ser Supremo.

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo IX)

O duplo princípio do bem e do mal foi, durante muitos séculos, a base de todas as crenças religiosas

Como compreenderia, então, que o mal não passa de estado transitório do qual pode emanar o bem, conduzindo-o à felicidade pelo sofrimento e auxiliando-lhe o progresso? Os limites do seu horizonte moral, nada lhe permitindo ver para além do seu presente, no passado como no futuro, também não lhe permitiam compreender que já houvesse progredido, que progrediria ainda individualmente, e muito menos que as vicissitudes da vida resultavam das imperfeições do ser espiritual nele residente, o qual preexiste e sobrevive ao corpo, na dependência de uma série de existências purificadoras até atingir a perfeição.

Para compreender como do mal pode resultar o bem é preciso considerar não uma, porém, muitas existências; é necessário apreender o conjunto do qual — e só do qual — resultam nítidas as causas e respectivos efeitos.

O duplo princípio do bem e do mal foi, durante muitos séculos, e sob vários nomes, a base de todas as crenças religiosas. Vemo-lo assim sintetizado em Oromase e Arimane entre os persas, e em Jeová e Satã entre os hebreus. Todavia, como todo soberano deve ter ministros, as religiões geralmente admitiram potências secundárias, ou bons e maus gênios.

Os pagãos fizeram deles individualidades com a denominação genérica de deuses e deram-lhes atribuições especiais para o bem e para o mal, para os vícios e para as virtudes. Os cristãos e os muçulmanos herdaram dos hebreus os anjos e os demônios.

Conclui-se, portanto, facilmente que a doutrina dos demônios tem origem na antiga crença dos dois princípios: O Bem e o Mal.

Por outro lado, o fato que permitiu a gênese de doutrina tão absurda foi a total ignorância que então existia acerca dos verdadeiros atributos de Deus: Único, Eterno, Imutável, Imaterial, Onipotente, Soberanamente Justo e Bom, Infinito em todas as Perfeições. Tal o eixo em torno do qual — necessariamente — precisa girar todo e qualquer conceito filosófico ou doutrinário que queira alinhar-se com a verdade e com a lógica.

(1) **André Luiz**, Ação e Reação, (psicografia Chico Xavier), (cap. 4.)

(2) **Kardec Allan**, O Livro dos Espíritos, (q. 118.)

(3) **Marcos**, 3:22.

(4) **Kardec Allan**, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Introdução.)

(5) **Kardec Allan**, O Céu e o Inferno, (cap. IX), (itens 4 a 6.)

II – Os demônios segundo a igreja

7. Satanás, o chefe ou o rei dos demônios, não é, segundo a Igreja, uma personificação alegórica do mal, mas uma entidade real, praticando exclusivamente o mal, enquanto que Deus pratica exclusivamente o bem. Tomemo-lo, pois, tal qual no-lo representam. Satanás existe de toda a eternidade, como Deus, ou ser-lhe-á posterior? Existindo de toda a eternidade é incriado, e, por consequência, igual a Deus. Este Deus, por sua vez, deixará de ser único, pois haverá um deus do mal. Mas se lhe for posterior? Neste caso passa a ser uma criatura de Deus. Como tal, só praticando o mal por incapaz de fazer o bem e tampouco de arrepender-se, Deus teria criado um ser votado exclusiva e eternamente ao mal. Não sendo o mal obra de Deus, seria contudo de uma das suas criaturas, e nem por isso deixava Deus de ser o autor, deixando igualmente de ser profundamente bom. O mesmo se dá, exatamente, em relação aos seres maus chamados demônios.

8. Tal foi, por muito tempo, a crença neste sentido. Hoje dizem (1): “Deus, que é a bondade e santidade por excelência, não os havia criado perversos e maus. A mão paternal que se apraz imprimir em todas as suas obras o cunho de infinitas perfeições, cumulava-os de magníficos predicados. Às qualidades eminentíssimas de sua natureza, juntara as liberalidades da sua graça; em tudo os fizera iguais aos Espíritos sublimes de glória e felicidade; subdivididos por todas as suas ordens e adstritos a todas as classes, eles tinham o mesmo fim e idênticos destinos. Foi seu chefe o mais belo dos arcanjos. Eles poderiam até ter alcançado a confirmação de justos para todo o sempre, e serem admitidos ao gozo da bem-aventurança dos céus. Este último favor, que deverá ser o complemento de todos os outros, constituía o prêmio da sua docilidade, mas dele desmereceram por insensata e audaciosa revolta.”

(1) As citações seguintes são extraídas da pastoral de Monsenhor Gousset, cardeal-arcebispo de Reims, para a quaresma de 1865. Atentos ao mérito pessoal e à posição do autor, podemos considerá-las a última expressão da Igreja sobre a doutrina dos demônios.

“Qual foi o escolho da sua perseverança? Que verdade desconhecera? Que ato de adoração, de fé, recusaram a Deus? A Igreja e os anais das santas escrituras não no-lo dizem positivamente, mas certo parece que não aquiesceram à mediação do Filho de Deus, nem à exaltação da natureza humana em Jesus-Cristo.” “O Verbo Divino, criador de todas as coisas, é também o mediador e salvador único, na Terra como no Céu. O fim sobrenatural não foi dado aos anjos e aos homens senão na previsão de sua encarnação e méritos, pois não há proporção alguma entre a obra dos Espíritos eminentes e a recompensa, que é o próprio Deus. Nenhuma criatura poderia alcançar tal fim, sem esta maravilhosa e sublime intervenção da caridade. Ora, para preencher a distância infinita que separa a sua essência das suas obras, preciso fora reunisse à sua pessoa os dois extremos, associando à divindade as naturezas ou do anjo, ou do homem: e preferiu então a natureza humana. Esse plano, concebido de toda eternidade, foi manifestado aos anjos muito antes da sua execução: o Homem Deus foi-lhes mostrado como Aquele que deveria confirmá-los na graça e guiá-los à glória, sob a condição de o adorarem durante a missão terrestre, e para todo o sempre no céu. Revelação inesperada, arrebatadora visão para corações generosos e gratos, mas — mistério profundo — humilhante para espíritos soberbos! Esse fim sobrenatural, essa glória imensa que lhes propunham não seria unicamente a recompensa de seus méritos pessoais. Nunca poderiam atribuir a si próprios os títulos dessa glória! Um mediador entre Deus e eles! Que injúria à sua dignidade! E a preferência espontânea pela natureza humana? Que injustiça! que afronta aos seus direitos!” “E chegarão eles a ver esta Humanidade, que lhes é tão inferior, deificada pela união com o Verbo, sentada à mão direita de Deus em trono resplandecente? Consentirão enfim que ela ofereça a Deus, eternamente, a homenagem da sua adoração?” “Lúcifer e a terça parte dos anjos sucumbiram a tais pensamentos de inveja e de orgulho. S. Miguel e com ele muitos exclamaram: ‘Quem é semelhante a Deus? Ele é o dono de seus dons, o

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo IX)

soberano Senhor de todas as coisas. Glória a Deus e ao Cordeiro, que tem de ser imolado (*) à salvação do mundo.’ O chefe dos rebeldes, porém, esquecido de que a Deus devia a sua nobreza e prerrogativas, raiando pela temeridade, disse: ‘Sou eu quem ao céu subirá; fixarei residência acima dos astros; sentar-me-ei sobre o monte da aliança, nos flancos do Aquilão, dominarei as nuvens mais elevadas e serei semelhante ao Altíssimo.’ Os que de tais sentimentos partilharam, acolheram essas palavras com murmúrios de aprovação, e partidários houve em todas as hierarquias. A sua multidão, contudo, não os preserva do castigo.”

(*) Imolado – morto em sacrifício à divindade, vítima de chacina, caça ou mortandade; assassinado, massacrado, chacinado.

9. Esta doutrina suscita várias objeções:

1ª — Se Satã e os demônios eram anjos, eles eram perfeitos; como, sendo perfeitos, puderam falir a ponto de desconhecer a autoridade desse Deus, em cuja presença se encontravam? Ainda se tivessem logrado uma tal eminência gradualmente, depois de haver percorrido a escala da perfeição, poderíamos conceber um triste retrocesso; não, porém, do modo por que no-los apresentam, isto é, perfeitos de origem. A conclusão é esta: — Deus quis criar seres perfeitos, porquanto os favorecera com todos os dons, mas enganou-se: logo, segundo a Igreja, Deus não é infalível. (2)

(2) Esta doutrina monstruosa é corroborada por Moisés, quando diz (Gênesis, 6:6 e 7): “Ele se arrependeu de haver criado o homem na Terra e, penetrado da mais íntima dor, disse: Exterminarei a criação da face da Terra; exterminarei tudo, desde o homem aos animais, desde os que rastejam sobre a terra até os pássaros do céu, porque me arrependo de os ter criado.” Ora, um Deus que se arrepende do que fez não é perfeito nem infalível; portanto, não é Deus. E são estas as palavras que a Igreja proclama! Tampouco se percebe o que poderia haver de comum entre os animais e a perversidade dos homens, para que merecessem tal extermínio.

2ª — Pois que nem a Igreja e nem os sagrados anais explicam a causa da rebelião dos anjos para com Deus e apenas dão como problemática (quase certa) a relutância no reconhecimento da futura missão do Cristo, que valor — perguntamos — que valor pode ter o quadro tão preciso e detalhado da cena então ocorrente? A que fonte recorreram, para inferir se de fato foram pronunciadas palavras tão claras e até simples colóquios? De duas uma: ou a cena é verdadeira ou não é. No primeiro caso, não havendo dúvida alguma, por que a Igreja não resolve a questão? Mas se a Igreja e a História se calam, se a coisa apenas parece certa, claro, não passa de hipótese, e a cena descritiva é mero fruto da imaginação. (3)

(3) Encontra-se em Isaías, 14:11 e seguintes: “Teu orgulho foi precipitado nos infernos; teu corpo morto baqueou por terra; tua cama verterá podridão, e vermes tua vestimenta. Como caíste do Céu, Lúcifer, tu que parecias tão brilhante ao romper do dia? Como foste arrojado sobre a Terra, tu que ferias as nações com teus golpes; que dizias de coração: Subirei aos céus, estabelecerei meu trono acima dos astros de Deus, sentar-me-ei acima das nuvens mais altas e serei igual ao Altíssimo! E todavia foste precipitado dessa glória no inferno, até o mais fundo dos abismos. Os que te virem, aproximando-se, encarar-te-ão, dizendo:” “Será este o homem que turbou a Terra, que aterrou seus reinos, que fez do mundo um deserto, que destruiu cidades e reteve acorrentados os que se lhe entregaram prisioneiros?” Estas palavras do profeta não se referem à revolta dos anjos; são, sim, uma alusão ao orgulho e à queda do rei de Babilônia, que retinha os judeus em cativeiro, como atestam os últimos versículos. O rei de Babilônia é alegoricamente designado por Lúcifer, mas não se faz aí qualquer menção da cena supra, descrita. Essas

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo IX)

palavras são do rei que as tinha no coração e se colocava por orgulho acima de Deus, cujo povo escravizara. A profecia da libertação do povo judeu, da rainha de Babilônia e do destroço dos assírios é, ao demais, o assunto exclusivo desse capítulo.

3ª — As palavras atribuídas a Lúcifer revelam uma ignorância admirável num arcanjo que, por sua natureza e grau atingido, não deve participar, quanto à organização do Universo, dos erros e dos prejuízos que os homens têm professado, até serem pela Ciência esclarecidos. Como poderia, então, dizer que fixaria residência acima dos astros, dominando as mais elevadas nuvens?! É sempre a velha crença da Terra como centro do Universo, do céu como que formado de nuvens estendendo-se às estrelas, e da limitada região destas, que a Astronomia nos mostra disseminadas ao infinito no infinito espaço! Sabendo-se, como hoje se sabe, que as nuvens não se elevam a mais de duas léguas da superfície terráquea, e falando-se em dominá-las por mais alto, referindo-se a montanhas, preciso fora que a observação partisse da Terra, sendo ela, de fato, a morada dos anjos. Dado, porém, ser esta, em região superior, inútil fora alçar-se acima das nuvens. Emprestar aos anjos uma linguagem tisonada de ignorância, é confessar que os homens contemporâneos são mais sábios que os anjos. A Igreja tem caminhado sempre erradamente, não levando em conta os progressos da Ciência.

10. A resposta à primeira objeção acha-se na seguinte passagem: “A escritura e a tradição denominam céu o lugar no qual se haviam colocado os anjos, no momento da sua criação. Mas esse não era o céu dos céus, o céu da visão beatífica, onde Deus se mostra de face aos seus eleitos, que o contemplam claramente e sem esforço, porque aí não há mais possibilidade nem perigo de pecado; a tentação e a dúvida são aí desconhecidas; a justiça, a paz e a alegria reinam imutáveis, a santidade e a glória imperecíveis. Era, portanto, outra região celeste, uma esfera luminosa e afortunada, essa em que permaneciam tão nobres criaturas favorecidas pelas divinas comunicações, que deveriam receber com fé e humildade até serem admitidas no conhecimento da sua realidade — essência do próprio Deus.” Do que precede se infere que os anjos decaídos pertenciam a uma categoria menos elevada e perfeita, não tendo atingido ainda o lugar supremo em que o erro é impossível. Pois seja: mas, então, há manifesta contradição nesta afirmativa: — Deus em tudo os tinha criado semelhantes aos espíritos sublimes que, subdivididos em todas as ordens e adstritos a todas as classes, tinham o mesmo fim e idênticos destinos, e que seu chefe era o mais belo dos arcanjos. Ora, em tudo semelhantes aos outros, não lhes seriam inferiores em natureza; idênticos em categorias, não podiam permanecer em um lugar especial. Intacta subsiste, portanto, a objeção.

11. E ainda há uma outra que é, certamente, a mais séria e a mais grave.

Dizem: — “Este plano (a intervenção do Cristo), concebido desde toda a eternidade, foi manifestado aos anjos muito antes da sua execução.” Deus sabia, portanto, e de toda a eternidade, que os anjos, tanto quanto os homens, teriam necessidade dessa intervenção. Ainda mais: — o Deus onisciente sabia que alguns dentre esses anjos viriam a falir, arcando com a eterna condenação e arrastando a igual sorte uma parte da Humanidade. E assim, de caso pensado, previamente condenava o gênero humano, a sua própria criação. Deste raciocínio não há fugir, porquanto de outro modo teríamos que admitir a inconsciência divina, apregoando a não presciência de Deus. Para nós é impossível identificar uma tal criação com a soberana bondade. Em ambos os casos vemos a negação de atributos, sem a plenitude absoluta dos quais Deus não seria Deus.

12. Admitindo a falibilidade dos anjos como a dos homens, a punição é conseqüência, aliás justa e natural, da falta; mas se admitirmos concomitantemente a possibilidade do resgate, a regeneração, a graça, após o arrependimento e a expiação, tudo se esclarece e se conforma com a bondade de Deus. Ele sabia que errariam, que seriam punidos, mas sabia igualmente que tal castigo temporário seria um meio de lhes fazer compreender o erro, revertendo alfim em benefício

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo IX)

deles. Eis como se explicam as palavras do profeta Ezequiel: — “Deus não quer a morte, porém a salvação do pecador.” (4) A inutilidade do arrependimento e a impossibilidade de regeneração, isso sim, importaria a negação da divina bondade. Admitida tal hipótese, poder-se-ia mesmo dizer, rigorosa e exatamente, que estes anjos desde a sua criação, visto Deus não poder ignorá-lo, foram votados à perpetuidade do mal, e predestinados a demônios para arrastarem os homens ao mal.

(4) Vede 1ª Parte, cap. VI, nº 25, citação de Ezequiel.

13. Vejamos agora qual a sorte desses tais anjos e o que fazem: “Mal apenas se manifestou a revolta na linguagem dos Espíritos, isto é, no arrojo dos seus pensamentos, foram eles banidos da celestial mansão e precipitados no abismo.

Por estas palavras entendemos que foram arremessados a um lugar de suplícios no qual sofrem a pena de fogo, conforme o texto do Evangelho, que é a palavra mesma do Salvador. ‘Ide, malditos, ao fogo eterno preparado pelo demônio e seus anjos.’ S. Pedro expressamente diz: ‘que Deus os prendeu às cadeias e torturas infernais, sem que lá estejam, contudo, perpetuamente, visto como só no fim do mundo serão para sempre enclausurados com os réprobos. Presentemente, Deus ainda permite que ocupem lugar nesta criação, à qual pertencem, na ordem de coisas idênticas à sua existência, nas relações enfim que deviam ter com os homens, e das quais fazem o mais pernicioso abuso. Enquanto uns ficam na tenebrosa morada, servindo de instrumento da justiça divina contra as almas infelizes que seduziram, outros, em número infinito, formam legiões e residem nas camadas inferiores da atmosfera, percorrendo todo o globo. Envolvem-se em tudo que aqui se passa, tomando mesmo parte muito ativa nos acontecimentos terrenos.’” Quanto ao que diz respeito às palavras do Cristo sobre o suplício do fogo eterno, já nos explanamos no cap. IV, “O Inferno”.

14. Por esta doutrina, apenas uma parte dos demônios está no inferno; a outra vaga em liberdade, envolvendo-se em tudo que aqui se passa, dando-se ao prazer de praticar o mal e isso até o fim do mundo, cuja época indeterminada não chegará tão cedo, provavelmente. Mas, por que uma tal distinção? Serão estes menos culpados? Certo que não, a menos que se não revezem, como se pode inferir destas palavras: “Enquanto uns ficam na tenebrosa morada, ser vindo de instrumento da justiça divina contra as almas infelizes que seduziram.” Suas ocupações consistem, pois, em martirizar as almas que seduziram. Assim, não se encarregam de punir faltas livre e voluntariamente cometidas, porém as que eles próprios provocaram. São ao mesmo tempo a causa do erro e o instrumento do castigo; e, coisa singular, que a justiça humana por imperfeita não admitiria — a vítima que sucumbe por fraqueza, em contingências alheias e porventura superiores à sua vontade, é tanto ou mais severamente punida do que o agente provocador que emprega astúcia e artifício, visto como essa vítima, deixando a Terra, vai para o inferno sofrer sem tréguas, nem favor, eternamente, enquanto que o causador da sua primeira falta, o agente provocador, goza de uma tal ou qual dilação e liberdade até o fim do mundo. Como pode a justiça de Deus ser menos perfeita que a dos homens?

15. Mas, ainda não é tudo: “Deus permite que ocupem lugar nesta criação, nas relações que com o homem deviam ter e das quais abusam perniciosamente.” Deus podia ignorar, no entanto, o abuso que fariam de uma liberdade por ele mesmo concedida? Então, por que a concedeu? Mas nesse caso é com conhecimento de causa que Deus abandona suas criaturas à mercê delas mesmas, sabendo, pela sua onisciência, que vão sucumbir, tendo a sorte dos demônios. Não serão elas de si mesmas bastante fracas para falirem, sem a provocação de um inimigo tanto mais perigoso quanto invisível? Ainda se o castigo fora temporário e o culpado pudesse remir-se pela reparação!... Mas não: a condenação é irrevogável, eterna! Arrependimento, regeneração, lamentos, tudo supérfluo! Os demônios não passam portanto de agentes provocadores e de antemão destinados a recrutar almas para o inferno, isto com a permissão de Deus, que antevia,

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo IX)

ao criar estas almas, a sorte que as aguardava. Que se diria na Terra de um juiz que recorresse a tal expediente para abarrotar prisões? Estranha idéia que nos dão da Divindade, de um Deus cujos atributos essenciais são: — justiça e bondade soberanas! E dizer-se que é em nome de Jesus, dAquele que só pregou amor, perdão e caridade, que tais doutrinas são ensinadas! Houve um tempo em que tais anomalias passavam despercebidas, porque não eram compreendidas nem sentidas; o homem, curvado ao jugo do despotismo, submetia-se à fé cega, abdicava da razão. Hoje, porém, que a hora da emancipação soou, esse homem compreende a justiça, e, desejando-a tanto na vida quanto na morte, exclama: — Não é, não pode ser tal, ou Deus não fora Deus.

16. “O castigo segue por toda a parte os seres decaídos: o inferno está neles e com eles: nem paz nem repouso, transformadas em amargores as doçuras da esperança, que se lhes torna odiosa. A mão de Deus desferiu-lhes o castigo no ato mesmo de pecarem, e sua vontade galvanizou-se no mal.” “Tornados perversos, obstinam-se em o ser e sê-lo-ão para sempre.” “São, depois do pecado, o que é o homem depois da morte. A reabilitação dos que caíram torna-se também impossível; a sua perda é, desde então, irreparável, mantendo-se eles no seu orgulho perante Deus, no seu ódio contra o Cristo, na sua inveja contra a Humanidade.” “Não tendo podido apropriar-se da glória celeste pelo desmesurado da sua ambição, esforçam-se por implantar seu império na Terra, banindo dela o reino de Deus. O Verbo encarnado cumpriu, apesar disso, os seus desígnios para salvação e glória da Humanidade. Também por isso procuram por todos os meios promover a perda das almas pelo Cristo resgatadas: o artifício e a importunação, a mentira e a sedução, tudo põem em jogo para arrastá-las ao mal e consumir-lhes a perda.” “E como são infatigáveis e poderosos, a vida do homem com inimigos tais não pode deixar de ser uma luta sem tréguas, do berço ao túmulo.”

“Efetivamente esses inimigos são os mesmos que, depois de terem introduzido o mal no mundo, chegaram a cobri-lo com as espessas trevas do erro e do vício; os mesmos que, por longos séculos, se fizeram adorar como deuses e que reinaram em absoluto sobre os povos da antiguidade; os mesmos, enfim, que ainda hoje exercem tirânica influência nas regiões idólatras, fomentando a desordem e o escândalo até no seio das sociedades cristãs. Para compreender todos os recursos de que dispõem ao serviço da malvadez, basta notar que nada perderam das prodigiosas faculdades que são o apanágio da natureza angélica. Certo, o futuro e sobretudo a ordem natural têm mistérios que Deus se reservou e que eles não podem penetrar; mas a sua inteligência é bem superior à nossa, porque percebem de um jacto os efeitos nas causas e vice-versa. Esta percepção permite-lhes predizer acontecimentos futuros que escapam às nossas conjecturas. A distância e variedade dos lugares desaparecem ante a sua agilidade. Mais prontos que o raio, mais rápidos que o pensamento, acham-se quase instantaneamente sobre diversos pontos do globo e podem descrever, à distância, os acontecimentos na mesma hora em que ocorrem.”

“As leis pelas quais Deus rege o Universo não lhes são acessíveis, razão por que não podem derogá-las, e, por conseguinte, predizer ou operar verdadeiros milagres; possuem no entanto, a arte de imitar e falsificar, dentro de certos limites, as divinas obras; sabem quais os fenômenos resultantes da combinação dos elementos, predizem com maior ou menor êxito os que sobrevêm naturalmente, assim como os que por si mesmos podem produzir. Daí os numerosos oráculos, os extraordinários vaticínios que sagrados e profanos livros recolheram, baseando e acoroçoando tantas e tantas superstições.”

“A sua substância simples e imaterial subtrai-os às nossas vistas; permanecem ao nosso lado sem que os vejamos, interessam-nos a alma sem que nos firam o ouvido. Acreditando obedecer aos nossos pensamentos, estamos no entanto, e muitas vezes, debaixo da sua funesta influência. As nossas disposições, ao contrário, são deles conhecidas pelas impressões que delas transparecem em nós, e atacam-nos ordinariamente pelo lado mais fraco. Para nos seduzirem com mais segurança, costumam servir-se de sugestões e engodos conformes com as nossas inclinações.

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo IX)

Modificam a ação segundo as circunstâncias e os traços característicos de cada temperamento. Contudo, suas armas favoritas são a hipocrisia e a mentira.”

17. Afirmam que o castigo os segue por toda parte; que não sabem o que seja paz nem repouso. Esta asserção de modo algum destrói a observação que fizemos quanto ao privilégio dos que estão fora do inferno, e que reputamos tanto menos justificado por isso que podem fazer, e fazem, maior mal. É de crer que esses demônios extra-infernaes não sejam tão felizes como os bons anjos, mas não se deverá ter em conta a sua relativa liberdade? Eles não possuirão a felicidade moral que a virtude defere, mas são incontestavelmente mais felizes que os seus comparsas do inferno flamífero. Depois, para o mau, sempre há um certo gozo na prática do mal, de mais a mais livremente. Perguntai ao criminoso o que prefere: se ficar na prisão, ou percorrer livremente os campos, agindo à vontade? Pois o caso é exatamente o mesmo. Afirmam, outrossim, que o remorso os persegue sem tréguas nem misericórdia, esquecidos de que o remorso é o precursor imediato do arrependimento, quando não é o próprio arrependimento. “Tornados perversos, obstinam-se em o ser, e sê-lo-ão para sempre.” Mas desde que se obstinam em ser perversos, é que não têm remorsos; do contrário, ao menor sentimento de pesar, renunciariam ao mal e pediriam perdão. Logo, o remorso não é para eles um castigo.

18. “São, depois do pecado, o que é o homem depois da morte. A reabilitação dos que caíram torna-se, portanto, impossível.” Onde provém essa impossibilidade? Não se compreende que ela seja a consequência de sua similitude com o homem depois da morte, proposição que, ao demais, é muito ambígua.

Acaso provirá da própria vontade dos demônios? Porventura da vontade divina? No primeiro caso a pertinácia denota uma extrema perversidade, um endurecimento absoluto no mal, e nem mesmo se compreende que seres tão profundamente perversos pudessem jamais ter sido anjos de virtude, conservando por tempo indefinido, na convivência destes, todos os traços da sua péssima índole e natureza. No segundo caso, ainda menos se compreende que Deus inflija como castigo a impossibilidade da reparação, após uma primeira falta. O Evangelho nada diz que com isso se pareça.

19. “A sua perda é desde então irreparável, mantendo-se eles no seu orgulho perante Deus.” E de que lhes serviria não manterem tal orgulho, uma vez que é inútil todo o arrependimento? O bem só poderia interessá-los se eles tivessem uma esperança de reabilitação, fosse qual fosse o seu preço. Assim não acontece, no entanto, e pois se perseveram no mal é porque lhes trancaram a porta da esperança. Mas por que lhes trancaria Deus essa porta? Para se vingar da ofensa decorrente da sua insubmissão. E, assim, para saciar o seu ressentimento contra alguns culpados, Deus prefere não somente vê-los sofrer, mas agravar o mal com mal maior; impelir à perdição eterna toda a Humanidade, quando por um simples ato de demência podia evitar tão grande desastre, aliás previsto de toda a eternidade! Trata-se, no caso vertente, de um ato de clemência, de uma graça pura e simples que pudesse transformar-se em estímulo do mal? Não, trata-se de um perdão condicional, subordinado a uma regeneração sincera e completa. Mas, ao invés, de uma palavra de esperança e misericórdia, é como se Deus dissesse: “Pereça toda a raça humana antes que minha vingança.” E com semelhante doutrina ainda muita gente se admira de que haja incrédulos e ateus! E é assim que Jesus nos representa seu Pai? Ele que nos deu a lei expressa do esquecimento e do perdão das ofensas, que nos manda pagar o mal com o bem, que prescreve o amor dos nossos inimigos como a primeira das virtudes que nos conduzem ao céu, quereria desse modo que os homens fossem melhores, mais justos, mais indulgentes que o próprio Deus?

Cristianismo e Espiritismo

68. Quando a Igreja afirma que Jesus se ofereceu a Deus em holocausto, para a redenção da Humanidade, de que terá ele resgatado os homens? Certamente, não é das penas do inferno, porque ela continua a ensinar que os indivíduos que morrem em estado de pecado mortal são condenados às penas eternas.

(P. 84)

69. Ora, se ele resgatou os homens do pecado, por que ainda os batizam? A missão de Jesus não era resgatar com o seu sangue os crimes da Humanidade, pois o sangue, mesmo de Deus, não seria capaz de resgatar ninguém. Cada qual deve resgatar-se a si mesmo, resgatar-se da ignorância e do mal. O Cristo desceu das esferas de luz, onde tudo é serenidade e paz, para mostrar-nos o caminho que conduz a Deus: esse o seu sacrifício.

(P. 85)

70. A doutrina católica prega também a existência do demônio, que, segundo a Igreja, é um ser perfeitamente real, uma personalidade distinta do resto da Natureza, com vida, ação e domínio próprios.

(P. 87)

71. Não pode haver sofrimentos eternos, mas unicamente sofrimentos temporários, apropriados às necessidades da lei de evolução e progresso. O princípio das reencarnações é mais justo que a noção do inferno eterno.

(P. 89)

72. O vocábulo eterno, que aparece com freqüência nas Escrituras, não deve ser tomado ao pé da letra. Em numerosos casos o vocábulo parece simplesmente significar: longa duração, um fim que não se conhece. O termo hebraico ôlam, traduzido por eterno, tem como raiz o verbo âlam, ocultar. Exprime um período cujo fim se ignora.

(P. 91)

73. A questão do purgatório é importante, porque pode constituir um vínculo entre as doutrinas católica e espírita. Segundo a Igreja romana, o purgatório é um lugar não definido. Os protestantes ortodoxos rejeitam-no.

(PP. 92 e 93)

74. Quase sempre o que chamamos o mal é apenas o sofrimento, mas este é necessário, porque só ele conduz à compreensão. É pelo sofrimento que a alma atinge a plenitude do seu brilho, a plena consciência de si mesma.

(P. 93)

75. Sob o látigo da necessidade, sob o aguilhão da dor, o homem caminha, avança, eleva-se e, de existência em existência, de progresso em progresso, chega a imprimir ao mundo o cunho do seu domínio e inteligência.

(P. 94)

76. A maior parte dos padres da Igreja entendiam a ressurreição da carne doutro modo. Conheciam eles a existência do perispírito, desse corpo fluídico, sutil, imponderável, que é o invólucro permanente da alma.

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo IX)

(P. 97)

77. Assim é que atribuíam a ressurreição senão a esse corpo espiritual, que resume, em sua substância quintessenciada, todos os invólucros grosseiros que a alma tomou e depois abandonou ao longo dos séculos.

(P. 97)

78. Tertuliano diz que os anjos têm um corpo que lhes é próprio e que se pode transfigurar em carne humana. Paulo ensinava: “Semeia-se corpo animal, ressuscitará o corpo espiritual”

(I Coríntios, XV, 4 a 50).

(P. 98)

79. Examinada com atenção a Bíblia, vê-se que nela não existe a expressão “ressurreição da carne”, mas sim “ressurreição dos mortos” ou “dentre os mortos”.

(P. 98)

80. O que foi dito do pecado original nos conduz a considerar o batismo simples cerimônia iniciática ou de consagração, porque a água é impotente para limpar de suas máculas a alma.

(P. 101)

81. Se consultarmos todos os textos em que se funda a instituição da confissão, neles só encontraremos uma coisa: que o homem deve reconhecer as ofensas cometidas contra o próximo e confessá-las diante de Deus. Aliás, a confissão auricular nunca foi praticada nos primeiros tempos do Cristianismo; não foi Jesus quem a instituiu; foram os homens.

(PP. 101 e 102)

Léon Denis, Cristianismo e Espiritismo

III – Os demônios segundo o Espiritismo

20. Segundo o Espiritismo, nem anjos nem demônios são entidades distintas, por isso que a criação de seres inteligentes é uma só. Unidos a corpos materiais, esses seres constituem a Humanidade que povoa a Terra e as outras esferas habitadas; uma vez libertos do corpo material, constituem o mundo espiritual ou dos Espíritos, que povoam os Espaços. Deus criou-os perfectíveis e deu-lhes por escopo a perfeição, com a felicidade que dela decorre. Não lhes deu, contudo, a perfeição, pois quis que a obtivessem por seu próprio esforço, a fim de que também e realmente lhes pertencesse o mérito. Desde o momento da sua criação que os seres progredem, quer encarnados, quer no estado espiritual. Atingido o apogeu, tornam-se puros espíritos ou anjos segundo a expressão vulgar, de sorte que, a partir do embrião do ser inteligente até ao anjo, há uma cadeia na qual cada um dos elos assinala um grau de progresso.

Do exposto resulta que há Espíritos em todos os graus de adiantamento, moral e intelectual, conforme a posição em que se acham, na imensa escala do progresso. Em todos os graus existe, portanto, ignorância e saber, bondade e maldade. Nas classes inferiores destacam-se Espíritos ainda profundamente propensos ao mal e comprazendo-se com o mal. A estes pode-se denominar demônios, pois são capazes de todos os malefícios aos ditos atribuídos. O Espiritismo não lhes dá tal nome por se prender ele à idéia de uma criação distinta do gênero humano, como seres de natureza essencialmente perversa, votados ao mal eternamente e incapazes de qualquer progresso para o bem.

21. Segundo a doutrina da Igreja os demônios foram criados bons e tornaram-se maus por sua desobediência: são anjos colocados primitivamente por Deus no ápice da escala, tendo dela decaído. Segundo o Espiritismo os demônios são Espíritos imperfeitos, suscetíveis de regeneração e que, colocados na base da escala, hão de nela graduar-se. Os que por apatia, negligência, obstinação ou má vontade persistem em ficar, por mais tempo, nas classes inferiores, sofrem as consequências dessa atitude, e o hábito do mal dificulta-lhes a regeneração. Chegam, porém, um dia a fadiga dessa vida penosa e das suas respectivas consequências; eles comparam a sua situação à dos bons Espíritos e compreendem que o seu interesse está no bem, procurando então melhorarem-se, mas por ato de espontânea vontade, sem que haja nisso o mínimo constrangimento. “Submetidos à lei geral do progresso, em virtude da sua aptidão para o mesmo, não progredem, ainda assim, contra a vontade.” Deus fornece-lhes constantemente os meios, porém, com a faculdade de aceitá-los ou recusá-los. Se o progresso fosse obrigatório não haveria mérito, e Deus quer que todos tenhamos o mérito de nossas obras. Ninguém é colocado em primeiro lugar por privilégio; mas o primeiro lugar a todos é franqueado à custa do esforço próprio. Os anjos mais elevados conquistaram a sua graduação, passando, como os demais, pela rota comum.

22. Chegados a certo grau de pureza, os Espíritos têm missões adequadas ao seu progresso; preenchem assim todas as funções atribuídas aos anjos de diferentes categorias. E como Deus criou de toda a eternidade, segue-se que de toda a eternidade houve número suficiente para satisfazer às necessidades do governo universal. Deste modo uma só espécie de seres inteligentes, submetida à lei de progresso, satisfaz todos os fins da Criação. Por fim, a unidade da Criação, aliada à idéia de uma origem comum, tendo o mesmo ponto de partida e trajetória, elevando-se pelo próprio mérito, corresponde melhor à justiça de Deus do que a criação de espécies diferentes, mais ou menos favorecidas de dotes naturais, que seriam outros tantos privilégios.

23. A doutrina vulgar sobre a natureza dos anjos, dos demônios e das almas, não admitindo a lei do progresso, mas vendo todavia seres de diversos graus, concluiu que seriam produto de outras tantas criações especiais. E assim foi que chegou a fazer de Deus um pai parcial, tudo concedendo a alguns de seus filhos, e a outros impondo o mais rude trabalho. Não admira que por

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo IX)

muito tempo os homens achassem justificação para tais preferências, quando eles próprios delas usavam em relação aos filhos, estabelecendo direitos de primogenitura e outros privilégios de nascimento. Podiam tais homens acreditar que andavam mais errados que Deus? Hoje, porém, alargou-se o círculo das idéias: o homem vê mais claro e tem noções mais precisas de justiça; desejando-a para si e nem sempre encontrando-a na Terra, ele quer pelo menos encontrá-la mais perfeita no Céu. E aqui está por que lhe repugna à razão toda e qualquer doutrina, na qual não resplenda a Justiça Divina na plenitude integral da sua pureza.

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo IX)

Estudo Metódico do Pentateuco Kardequiano III. Os demônios segundo o Espiritismo

340 – 01/12/2013

O Consolador – (Astolfo O. De Oliveira Filho)

O Céu e o inferno

79. Segundo o Espiritismo, nem anjos nem demônios são entidades distintas, porque a criação de seres inteligentes é uma só. Unidos a corpos materiais, esses seres constituem a Humanidade que povoa a Terra e os outros globos.

(Primeira Parte, cap. IX, item 20.)

80. Segundo a doutrina da Igreja, os demônios foram criados bons, mas tornaram-se maus por sua desobediência. Segundo o Espiritismo, os demônios são Espíritos imperfeitos, suscetíveis de regeneração, e que, colocados na base da escala, hão de nela graduar-se.

(Primeira Parte, cap. IX, item 21.)

81. A doutrina vulgar acerca da natureza dos anjos, das almas e dos demônios, não admitindo a lei do progresso, mas percebendo a existência de seres de graus evolutivos diversos, concluiu que eles seriam produto de outras tantas criações especiais. Da mesma forma como fez as almas, Deus fez os anjos. E foi assim que chegou a fazer de Deus um pai parcial, que tudo concede a alguns de seus filhos, e a outros impõe os mais rudes trabalhos.

(Primeira Parte, cap. IX, item 23.)

82. Não admira que por muito tempo os homens achassem justificação para tais preferências, quando eles mesmos delas usavam em relação a seus filhos, estabelecendo direitos de primogenitura e outros privilégios de nascimento. Poderiam tais homens acreditar que andavam mais errados do que Deus? Hoje, porém, alargou-se o círculo das ideias: o homem vê as coisas mais claramente e tem noções mais precisas de justiça. Desejando-a para si e nem sempre encontrando-a na Terra, ele quer pelo menos encontrá-la mais perfeita no Céu. Eis por que lhe repugna à razão toda e qualquer doutrina em que não resplandeça a Justiça Divina na plenitude de sua pureza (Primeira Parte, cap. IX, item 23.)

83. As doutrinas acerca do demônio, prevalecendo por tanto tempo, haviam de tal maneira exagerado o seu poder, que fizeram, por assim dizer, esquecer Deus. Por toda a parte surgia o dedo de Satanás, bastando para tanto que o fato observado ultrapassasse os limites do poder humano. Até as coisas melhores, as descobertas mais úteis, sobretudo as que podiam abalar a ignorância e alargar o círculo das ideias – foram tidas muita vez por obras diabólicas.

(Primeira Parte, cap. X, item 2.)

84. Os fenômenos espíritas de nossos dias, mais generalizados e mais bem observados à luz da razão e com o auxílio da Ciência, confirmaram a intervenção de inteligências ocultas, porém obrando dentro de Leis naturais e revelando por sua ação uma nova força e leis até então ignoradas. A questão reduz-se a saber, portanto, de que ordem são essas inteligências: almas dos mortos, anjos ou demônios?

(Primeira Parte, cap. X, item 2.)

85. Das três categorias de anjos, admitidas pela Igreja, a primeira ocupa-se exclusivamente do Céu; a segunda, do governo do Universo, e a terceira, da Terra. É nesta última, pois, que se encontram os anjos de guarda encarregados da proteção de cada indivíduo.

(Primeira Parte, cap. X, item 6.)

Kardec Allan, O Céu e o Inferno, ou a Justiça Divina segundo o Espiritismo